



*Agenda 150 Anos de Memória  
Histórica do Tribunal Bandeirante*

*Homenagem ao  
Desembargador Sebastião Carlos Garcia*

*14/09/2015*

# ÍNDICE

Clique nas chamadas para ser remetido para a página onde se localiza o texto

DISCURSO - Des. Caetano Lagrasta Neto (Orador em nome do Tribunal de Justiça de São Paulo)

ENCERRAMENTO - Des. José Renato Nalini (Presidente do Tribunal de Justiça)

A Corte paulista, em cerimônia realizada no Palácio da Justiça, homenageou o Desembargador Sebastião Carlos Garcia, em continuidade à Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal Bandeirante.

O Tribunal de Justiça de São Paulo promoveu, no Palácio da Justiça, homenagem ao desembargador Sebastião Carlos Garcia, por meio do projeto Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal de Justiça Bandeirante, cuja finalidade é dignificar e enobrecer desembargadores, juizes e servidores do Judiciário paulista.

Sebastião Carlos Garcia nasceu em Caldas (MG), no ano de 1941. Formou-se pela Faculdade de Direito do Vale do Paraíba, turma de 1966. Ingressou na Magistratura em 1970 e foi juiz em Jundiá, Brotas, Ituverava, Diadema, São José do Rio Preto e na Capital. Promovido a juiz do Tribunal de Alçada Criminal, em 1989, tornou-se desembargador do TJSP em 2001. Aposentou-se em 2011 e faleceu em maio deste ano.

O desembargador Caetano Lagrasta Neto foi orador em nome da Corte.

### ORAÇÃO PARA SEBASTIÃO CARLOS GARCIA

Agradecemos ao Presidente Nalini pelo descortino de dar ensejo a estas homenagens e, finalmente, iniciar a fixação da memória da Corte, através do breve histórico de antigos componentes.

Agradeço, sensibilizado, à Amelita, Gustavo e Oliver e a todos aqueles que participaram do universo familiar, profissional e poético de Sebastião Carlos Garcia, a deferência desta humilde e resumida oração, à qual adere expressamente o amigo Sidnei Agostinho Beneti, que melhor soube expressar a devida homenagem a Sebastião, na sua chegada ao TACrim, nos idos de 1989.

Os passos de sua carreira, de todos notória, restam guardados num recanto desta oração, apenas para que dela se mantenha perene memória.<sup>1</sup>

Que estranho sentimento me abate todas as vezes que retorno a esta Corte e me aproximo do saguão dos passos perdidos, onde em 1974 fui examinado para ingresso na magistratura. Naquele tempo olhava estas colunas, estas madeiras e balcões com o temor de que a eles não teria acesso; imaginava às graças e curvas dos desvios tribunálícos como um intruso. Olhava os catedráticos, examinadores e aos colegas sem saber se tornaria a vê-los ou se com eles chegaria a ter convivência mínima numa carreira que parecia distante.

Tudo passou num átimo: ingresso, comarcas, colegas, servidores, advogados, promotores e partes; as infelizes partes: autores ou réus.

Um dia cruzei com o vizinho: Sebastião Carlos Garcia; vizinho de porta, de parede; um na 9ª outro na 8ª Varas de Família e Sucessões e, como tudo que é engano na vida, pensei cá com os meus botões e sentenças: com este não me arrisco. Tipo de homem cordial, engraçado lá do seu jeito mineiro, de Poços, sem Caldas; um homem ao cavanhaque, às barbas, coisa do Século XIX, ou começos do XX; enfim, um homem cordial – de verdade – à brasileira.

Nunca discutimos Comarcas ou águas passadas; pusemo-nos, desde logo, a saber da vida e dos poemas; garramos a falar de Poesia, como se amigos de longa data, atravessando belos horizontes, guiados pelas mãos firmes de Nava e Drummond. Contamos de tudo: vida e mentiras; poemas e milagres; as maiores tristezas. Uma amizade tramada aos riscos e bordados, com, dentre outros poucos, o Beneti, aquele dos “Sertões” euclidianos.

Fizemos um primeiro livro: “Treze Cantos Diversos”, graças ao editor, Juarez de Oliveira, onde juntamos

1 Cf. Rev. Julg. e Doutr. do TACRIM-SP, 5/288 e segs.: Sebastião Carlos Garcia, filho de João Cândido Garcia e Sebastiana da Silva Franco Garcia, nasceu em Caldas, Minas Gerais, a 4.11.41, e faleceu em São Paulo, em 25.5.2015. Formado pela Faculdade de Direito do Vale do Paraíba, Turma de 1966. Ingressou na Magistratura em 19.1.1970. 1ª Entrância em Brotas (15.7.1971), 2ª Entrância em Ituverava (18.10.1973), 3ª Entrância em Diadema (17.5.1975) e São José do Rio Preto (25.6.1975), Entrância Especial na 9ª Vara da Família e Sucessões da Capital (5.8.1979), Tribunal de Alçada Criminal (13.12.1989), e Desembargador do Tribunal de Justiça (1.3.2001).



mais uns onze juizes, dispostos a sair do anonimato e do recato.

Mais larga e gratificante foi a estrada que percorremos depois na Decisão, a revista da APAMAGIS, sobrevivente de 8 números, de dezembro de 1985 a junho de 1991, e lá estávamos nós, os três, acompanhados de Mucio Borges da Fonseca e uma plêiade de juizes, preocupados com o futuro incerto da poesia e da magistratura.

Dos muitos e muitos versos de Sebastião é difícil fazer uma escolha e desde logo arrisco um trecho da “Canção de rua estreita em lua nova”

(...)

Tanta espera no ar, tantos presságios!

Qual será pôr fim a minha hora?

Olho as esquinas, muros solitários.

Evocam-me lembranças, ecos sem palavras.

Canção de lua estreita em lua nova.

(in Decisão, n.8, p.39)

Mais tarde, falamos de amores e dissabores: os verdadeiros, os imaginários; os sem pés e com cabeças ou sem cabeças – como todos – de pernas pro ar.

Sebastião foi meu, nosso, grande amigo; a conhecer os filhos: os dele e os nossos; Sebastião que acreditou; Sebastião que aconselhou, mesmo sabendo da surdez do amigo.

O Sebastião, que alguns até pensam conhecer, na sua persistência e recolhimento de urso, a lembrar o cronista maior: Rubem Braga.

Sebastião era muitos, era enorme, era o amigo e confidente, mas sem exageros: só a aceitar convites ajantados para pequenos, mínimos, comitês: tinha que ser ele e nós, mais ninguém. Nem Chico Lagrasta, Zé Ricardo Gugliano, companheiros, junto com Joaquim de Almeida Braga, da Turma da Faculdade de Direito do Vale do Paraíba.

Outro dia, noutro momento, talvez – respondia esquivo. Sempre como descrito no Folclore:

“Minha gente, vou-me embora.

Mineiro está me chamando.

Mineiro tem esse jeito,

chama gente e vai andando.”

Nesses jantares, ao som dos tangos de Gardel, além de Orlando Silva, Orestes Barbosa, dos fados e boleros da vida, divagava.

E defeitos?

Tinha-os, sim, como nós, quaisquer de nós, e ainda que os tivesse: perdoado e perdoando, punha-se a caminhar.

Sebastião era capaz de abrir mão de qualquer momento de sua vida, por um verso perfeito, por mais pequeno que fosse, e continuar caminhando pelas ruas cinzentas de São Paulo e as das Minas Gerais, aquelas do tal “ferro nas almas”, como queria Drummond.

Era homem da família e das casas: a de Poços de Caldas com a vista maravilhosa para a Praça do Balneário; o apartamento da praia, que nos convites aos amigos era pródigo.

Sebastião era a casa: o coração do entra e sai dos amigos, das virtudes e, sabe-se lá, também dos pequenos desgostos e das grandes alegrias. Daí, gostar imenso, da música de Capiba e Hermínio Bello de Carvalho: “Amigo é casa”, que pensativo decorava:



Amigo que é amigo não puxa tapete  
oferece pra gente o melhor que tem  
e o que nem tem quando não tem, finge que tem,  
faz o que pode e seu coração reparte que nem pão.

Sebastião era o magistrado, que conheci, nas decisões reportadas nos diários, oficiais ou não; homem de jurisprudências discretas; de firmeza na Câmara. Assuntos que pouco conversava, para não ferir convencimentos ou espantar discições.

Era o Sebastião, grande pai, a comandar com ternura, família e Gabinete; o primeiro chefe de Valéria, filha do Caetano, e que a ela ensinou o que o pai lhe delegou.

Era tão amigo que dele não esquecem funcionários, em qualquer momento, especialmente naqueles – melhores – dos almoços, cafés e conselhos; profundos, discretos e sem qualquer formalidade.

Movia-se sem medir esforços para o querido São José do Rio Preto para ver se tudo andava nos conformes na antiga Comarca de lembranças. Visitava amigos e os homenageava quando necessário.

Para muitos deixou saudade; para outros, sentenças.

Sebastião era o pai – sempre reverenciado, sem ordem de preferência, por Oliver e Gustavo; o sempiterno esposo de Amelita, essenciais companheiros do fim da jornada, de consolo e recordações, e, para mais que tudo, o avô zeloso de Cláudia e Gael; o varão que não deixava de imaginar e acarinhar a todos, com gestos e palavras, sempre atento aos sentimentos e aflições.

Velho Patriarca mineiro que, ao primeiro sopro, derrete e desmancha, lambuzando tudo com suas lágrimas e seu amor; incompreendido ou alegre, mas sempre presente e decidido a desfazer símbolos e dogmas e, como no dizer de José Régio, Poeta, a espantar os caminhos:

... Ninguém me diga: “vem por aqui”!  
A minha vida é um vendaval que se soltou.  
É uma onda que se alevantou.  
É um átomo a mais que se animou...  
Não sei por onde vou.  
Não sei por onde vou,  
– Sei que não vou por aí!

E, ao cabo, a outro dele, ainda inédito, não me furto:

### Correntes de Ancoragem

Navegar é preciso, viver não é preciso  
Disseram-me (ou foi imaginário fado!)  
Que era necessário viver. Então,  
Renunciei a navegar.

Agora, na solidão deste promontório,  
Neste outonal de esperas adiadas,  
Aqui estou: cãs ao vento, cabelos ralos,  
Olhar impotente e fatigado,  
Ante a luz que baixa sobre o imenso mar,



Necessitando  
Desesperadamente  
De zarpar.

Carruagem do tempo! Onde foram ter os dias,  
Onde se escondem afinal os anos,  
Que levaram-me os anelos,  
Meus mais caros e castos ideais?  
Agora, nesta escarpa desolada,  
Como velho marinheiro que renunciou a marear,  
Aqui estou frente ao imenso mar,  
Necessitando  
Impossivelmente  
De zarpar....

Em nome da minha Família, no de Sidnei e no meu muito agradeco pelo sentimento e atencao que o homenageado dispensaram.

Inverno de 2015.

O presidente do Tribunal de Justica, desembargador José Renato Nalini elogiou, ao encerrar a cerimonia, o discurso do orador. “Nada como uma saudação feita por um poeta para outro poeta”, disse. E acrescentou: “Tive o privilegio de conviver com o desembargador Sebastião Carlos Garcia, uma pessoa terna, doce e polida. Um poeta que vivia de forma descente, a cumprir o dever de julgar.”

Participaram, também, da solenidade o vice-presidente do TJSP, desembargador Eros Piceli; o corregedor-geral da Justica de São Paulo, desembargador Hamilton Elliot Akel; o presidente da Seção de Direito Privado do TJSP, desembargador Artur Marques da Silva Filho; o presidente da Seção de Direito Público, desembargador Ricardo Mair Anafe; o ministro Sidnei Beneti; o presidente da Assembleia Legislativa, deputado Fernando Capez; o deputado estadual Luiz Fernando Machado; a advogada Gladys Maluf Chamma, representando o presidente da Ordem dos Advogados do Brasil – Seção São Paulo; a tabeliã e registradora Kareen Zanotti de Munno, representando o presidente da Associação dos Registradores de Pessoas Naturais (Arpen-SP); o juiz assessor e chefe do Gabinete Civil da Presidência, Ricardo Felicio Scaff; o chefe da Assessoria Policial Militar do TJSP, cel PM Washington Luiz Gonçalves Pestana; o delegado chefe da Assessoria Policial Civil do TJSP, Fábio Augusto Pinto; o chefe de gabinete da Presidência do TJSP e decano da Academia Paulista de Letras, poeta Paulo Bomfim; a viúva do homenageado, Amelita Barbosa Garcia; os filhos Carlos Oliver Barbosa Garcia e Gustavo Filipe Barbosa Garcia; as noras Juliana e Ayako e o neto Gael; demais desembargadores, juizes, familiares, amigos e servidores.

